



OS TERRITÓRIOS, OS LUGARES E A SUBJETIVIDADE: CONSTRUINDO A GEOGRAFICIDADE PELA ESCRITA NO MOVIMENTO HIP HOP, NO BAIRRO RESTINGA, EM PORTO ALEGRE/RS

■ GISELE SANTOS LAITANO - DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA/ UCS

"Um povo que me intriga na sua generosidade, sabedoria e, sobretudo, esperança"

Roberto DaMatta, 1978

RESUMO

NA PESQUISA INTERPRETO A PRODUÇÃO TEXTUAL ESCRITA NO MOVIMENTO HIP HOP EXISTENTE NO BAIRRO RESTINGA, EM PORTO ALEGRE. LOCALIZO O MOVIMENTO HIP HOP, TANTO NO MUNDO QUANTO NO BAIRRO, INSERINDO-O DENTRO DOS ATUAIS PROCESSOS EM AÇÃO NESTE FIM/INÍCIO DE SÉCULO. RELACIONO A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA COM A MINHA PRÁTICA PROFISSIONAL, DESCREVENDO A MANIFESTAÇÃO DO MOVIMENTO HIP HOP NO BAIRRO. FAÇO A INTERPRETAÇÃO A PARTIR DA GEOGRAFICIDADE E DA SUBJETIVIDADE PRESENTES NA ESCRITA EM QUESTÃO, ADENTRANDO NA GEOGRAFIA PESSOAL DOS SUJEITOS. O NÚCLEO DE TAL GEOGRAFICIDADE É INTERPRETADO PELOS CONCEITOS DE VIVÊNCIA, JUÍZO E TRANSFORMAÇÃO DA HERMENÊUTICA DE GADAMER.

PALAVRAS-CHAVE: GEOGRAFIA PESSOAL, GEOGRAFICIDADE, HERMENÊUTICA, JUVENTUDE, LUGAR, MUNDO VIVIDO, MOVIMENTO HIP HOP, PRODUÇÃO TEXTUAL, SUBJETIVIDADE, TERRITÓRIO.

Penso o Movimento Hip Hop dentro da perspectiva do espaço e de uma prática espacial, entendendo-o no sistema de ações de que Santos fala: "O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e

também contraditório, de sistemas de objetos e de sistemas de ações, não consideradas isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá". São ações do campo, eminentemente, do simbólico, por onde perpassam ritos, emoções, afetos, partilhas, redes de significação em que temos, como foco central das ações, os sujeitos envolvidos.

Ter tal perspectiva de compreensão do Movimento Hip Hop não é negar as políticas neoliberais atu-

antes no mundo contemporâneo através da flexibilização do capital, mas refletir sobre a escala local dentro deste quadro, sobre a subjetividade dos sujeitos envolvidos neste movimento, o que no quadro desta pesquisa é a interpretação da geograficidade presente nas letras de rap escritas pelos jovens envolvidos com o Movimento Hip Hop no bairro Restinga, em Porto Alegre.

Santos chama a atenção para o fato de vivermos num tempo paradoxal, onde temos "mutações vertiginosas produzidas pela globalização, a sociedade de consumo e a sociedade de informação"², e simultaneamente "um tempo de estagnação, parado na impossibilidade de pensar a transformação social, radical"³; porém, há de outro lado os localismos, presentes nos processos de identidades/alteridades, nas singularidades, nas territorialidades, nos novos territórios e na emergência do lugar. Entretanto, o meu entendimento é de que a "globalização e localização, globalização e fragmentação são termos de uma dialética que se refaz com frequência"⁴. Mas a leitura do espaço é uma leitura escalar, no sentido de escala geográfica explicitado por Castro, ou seja, um recorte espacial, uma apreensão da realidade conforme os interesses do pesquisador.

Identifico como processos globais: a globalização, a sociedade de consumo e a sociedade de informação. A globalização diz respeito a mundialização, interligação e homogeneização na vida econômica, política, social e cultural:

"Agora, tudo se mundializa: a produção, o produto, o dinheiro, o crédito, a dívida, o consumo, a política e a cultura. Esse conjunto de mundializações, cada qual sustentado, arrastando, ajudando a impor a outra, merece o nome de globalização"⁵.

A sociedade de consumo refere-se a multiplicação dos objetos existentes a nossa volta, a criação de novas necessidades e a invasão do consumo na vida cotidiana, onde a felicidade é organizadora do

cotidiano e é antes de mais nada o consumo dos signos, antes mesmo do consumo dos objetos. E por sociedade de informação me reporto ao desenvolvimento das técnicas atuais de comunicação, a comunicação instantânea entre os lugares e a fluidez instantânea da informação.

Os processos locais são fundamentados na inscrição local, sendo que os processos globais existem ao lado dos processos locais, numa relação dialética entre os dois grupos de processos. Desse modo o lugar se coloca entre o mundo e o indivíduo, sendo que "Cada lugar é, à sua maneira, o mundo... mas, também, cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferente dos demais" de modo que "o mundo se encontra em toda a parte"⁶.

O Movimento Hip Hop é originário das periferias urbanas dos Estados Unidos da América, quando nos meados dos anos 70 as equipes de bailes propuseram que os jovens negros e hispânicos agrupados em gangues no bairro do Bronx, em Nova Iorque, resolvessem suas disputas através da dança. A violência das gangues não acabou, mas muitos jovens trocaram o enfrentamento físico pela disputa na dança.

É um movimento essencialmente de juventude, juventude enquanto uma transição entre aquilo que é e o que deverá ser. O Movimento também tem um forte entrelaçamento com o Movimento Negro, mas não se confundindo com este.

Hip Hop quer dizer, literalmente, "saltar mexendo os quadris". Este movimento desdobra-se em 4 linguagens ou elementos: o rap, o grafite, o break e o dj.

O Rap significa Rithm and Poetry (Ritmo e Poesia), é a produção textual poética e é considerado o principal elemento do movimento. Uma das

versões da origem do rap é que seria uma adaptação do canto falado da África Ocidental à música feita pelos jamaicanos na década de 50⁷. Outra versão aponta o costume jamaicano de colocarem o disco para tocar e falarem sobre a base instrumental animando a festa ou a improvisação de poemas em cima de partes de antigas músicas negras, sendo que posteriormente teriam levado, através dos fluxos migratórios, este costume para os EUA⁸. O rap é executado pelo MC's (mestre de cerimônia), que é quem canta e faz a introdução do grupo quando em palco, e pelo DJ.

O DJ é o disc-jóquei, responsável pela parte musical. Como não há instrumentos musicais, somente há a aparelhagem de som e os discos que são manipulados pelas mãos do DJ, no chamado "vaivém das mãos" (scratches).

O Break é a dança dos Bboys (dançarinos de break) e das Bgirls⁹ (dançarinas de break). Surgiu nos guetos norte-americanos no período pós-guerra do Vietnã. Desde o início, o break teve a função de instaurar a competição entre os jovens através da dança e não da violência¹⁰. No Brasil, Nelson Triunfo, Marcelinho e Moisés são bboys pioneiros e consagrados.

O Grafite é a pintura em parede, com uso de traços livres e de muitas cores, abordando temas sociais e o cotidiano das ruas. Versões apontam sua origem como sendo Porto Rico. O grafite tem uma mensagem explícita para o leitor desta imagem, enquanto que a pichação introduz o leitor num código visual não explícito, onde muitas vezes o significado fica oculto. Muitos grafiteiros iniciam como pichadores e, posteriormente, ao descobrirem o Hip Hop, passam a grafitar. No início o grafite teve a função de demarcar territórios de atuação das gangues¹¹.

Percebo, portanto, dentro do movimento a

presença de 4 grandes áreas da expressão humana: a escrita, a musical, a corporal e a plástica. Estas expressões convergem na existência de um vocabulário próprio: rap, bboy, bgirl, break, dj, mc, aliado (simpatizante ou apoiador do movimento), bate-cabeça (estilo de rap), pick-up (toca-discos), quebrada (lugar de encontro) etc. E também nas nomeações dos grupos¹²: Big Boys, Black Time, Nice Girls, Dialeto Radical, Elite do Rap, Big Star Girl, New Black Time, Black Street Boy, Black Birds.

Uma das formas de dar materialidade ao movimento é quando os jovens se reúnem em grupos, sendo que o considerado ideal e buscado pelos jovens são grupos onde há membros representantes dos quatro elementos constituintes.

A articulação do movimento ocorre principalmente na rua (a rua é o local de encontro dos jovens moradores da periferia), ou através da posse ou banca que é quando grupos de rap e Hip Hop se reúnem para ensaiarem, discutirem, trocaram idéias sobre música e arte, problemas da periferia e do cotidiano, estudarem as suas origens (a afro-descendência). A mais famosa dessas organizações é a Universal Zulu Nation (UZN), sendo que todos os membros acreditam em "liberdade, justiça, igualdade, conhecimento, sabedoria e compreensão" e são de diferentes raças, culturas, nacionalidades, países e religiões¹³. Fundada em 1973 por Afrika Bambaataa, no Bronx, Nova Iorque, chegando a reunir 10000 membros em todo o mundo. No Brasil, as posses surgem após 1989.

A posse União Rapper da Tinga (URT) é um dos grupos de convívio social existentes no bairro Restinga. Fundada há 12 anos por iniciativa dos jovens do bairro com o objetivo de unir e somar idéias referentes ao Movimento Hip Hop e, por conse-

qüência, às suas próprias vidas, congrega 25 grupos de Hip Hop e rap do bairro, as regras são discutidas pelos envolvidos. É cobrada uma mensalidade de R\$ 0,50 (cinquenta centavos de real) por integrante dos grupos. A reunião da URT ocorre semanalmente, às terças-feiras, por volta das 19h30min até por volta das 22h, no CECORES (Centro Comunitário da Restinga). O CECORES é um espaço público municipal, mas a dinâmica interna da URT tem independência frente aos poderes instituídos (não significa que não existam interpenetrações). Há a participação de 20 à 50 jovens por reunião. As idades variam dos 12 aos 26 anos e é forte a predominância de rapazes, as mulheres são minoria – são em média duas a cinco garotas presentes nas reuniões¹⁴. Também os grupos femininos dedicam-se mais a composição de letras, ao canto e a coreografar suas performances, embora suas danças não sejam de chão¹⁵. Não há relatos de grupos mistos e muitas das atividades programadas pela URT não levam em conta a especificidade dos grupos femininos. Na reunião semanal da URT há ensaios de break, discussões sobre origem do Hip Hop e o que é o rap, organização de eventos privados ou públicos e propostas de eventos.

Interpreto que o Movimento Hip Hop existente no bairro Restinga configura um território, onde jovens moradores de áreas periféricas urbanas de Porto Alegre mantêm uma troca de informações e idéias com jovens moradores de áreas periféricas urbanas do interior do estado do Rio Grande do Sul, nas cidades de Pelotas, Rio Grande, Tapes, Santa Maria, Passo Fundo, Cachoeira do Sul, Caxias do Sul, Santa Cruz do Sul, Lageado e outras da Região Metropolitana de Porto Alegre, como Viamão, Guaíba, Alvorada, Canoas e Novo Hamburgo; bem

como com jovens ligados ao movimento em outros estados, em especial São Paulo. Onde posso pensar os diversos territórios do Movimento Hip Hop existentes dentro dessas cidades como os nós, e os fluxos de informações e idéias como os arcos que articulam os nós. Mas o território configura-se pelas relações sociais e relações de poder que ocorrem no espaço: "territórios, que são no fundo antes relações sociais projetadas no espaço que espaços concretos"¹⁶.

Portanto, estou frente a um território-rede, mas uma rede que se constitui à margem das redes de comunicação hegemônicas (meios de comunicação de massa), constituindo uma rede subterrânea, onde inclusive há a intenção consciente dos principais líderes de não participarem destes meios de comunicação. Isto aparece nos seus discursos, nas gravações independentes, na recusa de assinarem contratos profissionais com a indústria fonográfica transnacional, no sistema cooperativado de produção da Cia Paulista de Hip Hop. Dentro desse território há intensidade nas ações do/no tempo presente, partilha das idéias referentes ao Movimento, vontade de ser reconhecido, valorização étnica, forte ligação afetiva com a comunidade/ bairro e, essencialmente, mudança de atitude.

A INTERPRETAÇÃO HERMENÊUTICA _____

A interpretação da produção poética dos rap's recaiu sobre o grupo Família Black Time (ou, como são chamados, Black Time) em função da representatividade das suas escritas com o universo Hip Hop. Atualmente o grupo é formado por SL, Preto Guara, Mano Cris, Everton, Patuta, JC e Vamp.

Faço a interpretação da produção textual presente no Movimento Hip Hop existente no bairro Restinga pela hermenêutica de Gadamer, pois o

universo hermenêutico ao qual o autor se refere, e pelo qual optei, coloca-me frente ao:

*"modo como vivenciamos uns com os outros, como vivenciamos as tradições históricas, as ocorrências naturais de nossa existência e do nosso mundo, é isso que forma um universo verdadeiramente hermenêutico, no qual não estamos encerrados como entre barreiras intransponíveis, mas para o qual estamos abertos"*¹⁷.

A partir da abertura hermenêutica proporcionada por esta entrevista/ diálogo, me defrontei com o mundo vivido por estes sujeitos, com suas emoções, afetos, rituais, dores, laços, solidariedades, redes de significação, enfim com o agir simbólico, construtor e partícipe do espaço reticulado.

A interpretação das letras de rap foi feita, substancialmente, a partir dos conceitos de vivência, juízo e transformação de Gadamer. Com estes três conceitos temos uma arqueologia e uma teleologia dos sujeitos. Com o conceito de vivência parte do passado se reinscreve/ reintroduz no presente como algo ativo/duradouro, portanto, presente. Este presente não está desvinculado do agir do sujeito, pois este emite/reflete/aponta considerações, ou seja, emite juízos que podem implicar ou implicam pensar e agir de forma diferente, portanto trazem a transformação; um indicativo do tempo futuro; um outro modo de vida, uma outra forma de ser e estar na periferia.

Com a abertura hermenêutica desvela-se a geograficidade presente nas letras de rap, ou seja, a leitura do espaço feita pelos jovens pertencentes ao Movimento Hip Hop existente no bairro Restinga, em especial a leitura que eles fazem de território e de lugar, e fixam em forma de letras de rap's, pois a

geograficidade refere-se às "várias maneiras pelas quais sentimos e conhecemos ambientes em todas as suas formas"¹⁸ e é "A relação que necessariamente temos com o mundo através dos espaços, paisagens e lugares que encontramos nas nossas vidas diárias"¹⁹.

Assim, o bairro é o espaço onde o narcotráfico concretiza as suas ações; onde a fome, a pobreza, o abandono das crianças se evidenciam; onde o poder público mostra-se inoperante; onde a lei formal é subjugada pelas leis dos poderes ilegais. Porém, o bairro é também motivo de orgulho, de valorização, de diferenciação frente ao resto da cidade: "Eu sempre levo a Restinga no peito" (frase recorrente dentro do Movimento). É a cidade apartada, a cisão Restinga/ cidade; mas é também o bairro com atmosfera própria, onde laços culturais, solidariedades e identidades sedimentam-se num estar-junto comunitários. Logo é o bairro como lugar, como centro de pertencimento dos sujeitos. Mas é também o bairro como território, quando projetamos as relações sociais e as relações de poder sobre o espaço: o território do Movimento Hip Hop, o território do narcotráfico e outros possíveis.

A geograficidade presente nas letras de rap também desvela uma forte visão com ênfase no local, centrada no bairro, onde a desinformação, a fome, a opção pelo tráfico, a limitação da ação policial e a desestruturação das relações interpessoais convivem e ao mesmo tempo são contraponto ao Movimento Hip Hop, na forma de *continuum* e não de ruptura.

A SUBJETIVIDADE _____

O conceito de subjetividade é tomado de Guattari, que coloca que o sistema capitalista produz, como produz os bens da indústria de base,

subjetividades. A subjetividade é individual e coletiva ao mesmo tempo, o indivíduo é produzido em massa, em série nas suas idéias, pensamentos, comportamentos, vontades, sentimentos. Desse modo, o sistema capitalista aperfeiçoa o controle social inserindo-se no psiquismo do sujeito, no modo como o sujeito percebe o mundo. A subjetividade não é a mesma para as diferentes classes sociais. O sistema capitalista cria subjetividades diferentes para as classes dirigentes, para as classes médias e outra para os grupos excluídos. Entretanto, o sujeito pode se encontrar diante de práticas de alienação e opressão, ou frente a práticas de criação e expressão, que apontam aos processos de singularização.

A subjetividade construída pelos jovens do bairro periférico através do pertencimento ao Movimento Hip Hop é marcada pela existência de amigos, presos, mortos ou drogados, pela existência do tráfico, do revide e pela influência dos traficantes na comunidade. A valorização de si, da família, do lugar em que moram, das raízes étnicas também são constituintes da subjetividade, a qual é construída em rede, e que explicita as redes de significação onde esses jovens se inserem, espaços de significação que os sujeitos constroem no cotidiano e que espacializam o mundo vivido.

Essa subjetividade mostra aprendizagens dos jovens. Aprendizagens que não são restritas a certos momentos, mas que acompanham os sujeitos pelos mais diferentes espaços-tempos que eles venham a se inserirem. Tais aprendizagens são transformações. Logo, são vivências em comum que imbricam na formação de juízos que constroem transformações.

CONCLUSÃO _____

O Movimento Hip Hop é global quanto às suas linguagens e é local quanto à leitura do cotidiano e do mundo vivido grupalmente pelos jovens. O Movimento Hip Hop existente no bairro Restinga em Porto Alegre constitui um território-rede conectado com outros territórios do Movimento Hip Hop, cuja materialidade é dada pela poética dos rap's, pela plástica dos grafites e pela performance dos breaks. Um território-rede que traz uma cartografia em rede, por onde perpassam os fluxos das linguagens do movimento.

Acredito que a maior transformação é a expressão feita pelos jovens do seu cotidiano e do seu mundo vivido, escritas em forma de rap's; transformação que ocorre justamente nas áreas onde o poder estatal mostra-se distante da sua função pública. E o espaço configura-se em fragmentos conectados em rede, em espaço reticulado, em um território-rede profundamente marcado e alimentado pelo lugar.

Interpreto que na poética das letras de rap existentes no território-rede do espaço pesquisado se refletem imagens/ fragmentos, que se desvelam nas seguintes figuras: o Pai, o Amigo, a Criança, a Lei e a Identidade. A figura do Pai enquanto aquele que gera, participante da possibilidade do sujeito vir ao mundo, também a força do passado. A figura do Amigo como os laços criados fora da família, aquele com quem o sujeito anda pelo mundo. A figura da Criança é perspectiva do futuro, o porvir, mas também o passado experimentado de todos. A figura da Lei é o que regula o estar no mundo/ lugar. E a figura da Identidade é o que afirma e diferencia o Sujeito na sociedade: ser negro e ser pobre, portanto em um grupo de exclusão. Tais figuras substantivam a subjetividade que se constrói nas redes de significação dos sujeitos, no espaço reticulado.

NOTAS

- ¹ Milton SANTOS, *A natureza do espaço: espaço e tempo: razão e emoção*, p. 66
- ² Boaventura de S. SANTOS, "Para uma pedagogia do conflito", p. 15. In: Luiz E. da SILVA et alii (orgs.), *Reestruturação curricular: novos mapas culturais, novas perspectivas educacionais*, 1996a.
- ³ *Ibid.*, p. 15.
- ⁴ Milton SANTOS, *A natureza do espaço: espaço e tempo: razão e emoção*, 1999, p. 252.
- ⁵ *Ibid.*, p. 163.
- ⁶ *Ibid.*, p. 252.
- ⁷ Mariana AMARAL, *Revista Caros Amigos Especial Movimento Hip Hop*, p. 5.
- ⁸ Glória DIÓGENES, *Cartografias da cultura e da violência; gangues, galeras e o movimento hip hop*, p. 122.
- ⁹ Embora seja um movimento de juventude, é majoritariamente masculino, em especial, nas danças e performances de chão, que são estilos de dançar que envolvem muito condicionamento físico.
- ¹⁰ *Revista Caros Amigos Especial Movimento Hip Hop*, *passim*. E depoimentos dos participantes do movimento no bairro Restinga.
- ¹¹ Glória Diógenes, *Cartografias da cultura e da violência; gangues, galeras e o movimento hip hop*, p. 122.
- ¹² Todos os grupos citados neste trecho são do bairro Restinga, em Porto Alegre.
- ¹³ Tradução livre a partir de <http://www.zulunation.com>: "a music, community service and arts organization" e "in freedom, justice, equality, knowledge, wisdom and understanding".
- ¹⁴ O grupo feminino Toque Sedutor (ex- Nice Girls) sempre esteve presente nas reuniões da URT das quais participei de setembro de 1999 à setembro de 2000. O grupo feminino Personalidade também se faz presente em várias reuniões.
- ¹⁵ Esta modalidade de dança envolve muito condicionamento físico, há o depoimento de que somente uma garota fez este tipo de dança na Restinga.
- ¹⁶ Marcelo J. L. SOUZA. "O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento", p. 87. In: Iná E. de CASTRO et alii (orgs.), *Geografia: conceitos e temas*, 1995.
- ¹⁷ Hans-Georg GADAMER, *Verdade e método; traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*, 1997, p. 32.
- ¹⁸ Edward RELPH, As bases fenomenológicas da Geografia, *Revista Geografia*, 4 (7): 18.
- ¹⁹ *Ibid.*, p. 22.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Rio de Janeiro-Lisboa/ Elfos- Edições 70, 1995.
- BORDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.
- CASTRO, Iná Elias de et alii (orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DIÓGENES, Glória. *Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o Movimento Hip Hop*. São Paulo- Fortaleza/ Annablume – Secretaria da Cultura e Desporto, 1998.
- DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. São Paulo: Cultrix/ Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1970.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GUATTARI, Félix & ROLNIK, Suely. *Micropolítica. Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- < <http://www.zulunation.com> > Acesso em 11/05/2001.
- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos, o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- RELPH, Edward. *As bases fenomenológicas da Geografia*. *Revista Geografia*, Rio Claro: AGETEO, 4 (7), pp. 1-25, 1979.
- Revista Caros Amigos Especial Movimento Hip Hop*. São Paulo: Ed. Casa Amarela, s.d., nº 3.
- RICOEUR, Paul. *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*. Rio de Janeiro: Imago, 1978.
- SANTOS, Boaventura de S. *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Afrontamento, 1993.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: espaço e tempo: razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. *Espaço geográfico uno e múltiplo*. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. [1999]. Digitado.

ABSTRACT

ON THE PRESENT RESEARCH, I INTERPRET THE TEXTUAL PRODUCTION WRITTEN IN THE HIP HOP MOVEMENT EXISTENT AT THE RESTINGA DISTRICT OF PORTO ALEGRE. I SITUATE THE HIP HOP MOVEMENT NOT ONLY IN THE WORD BUT ALSO IN THE DISTRICT, INSERTING INSIDE THE PRESENT PROCESSES IN ACTION IN THIS END/BEGINNING CENTURY. I RELATE THE CONSTRUCTION OF THE RESEARCH OBJECT WITH MY PROFESSIONAL PRACTICE, DESCRIBING THE MANIFESTATION OF THE HIP HOP MOVEMENT IN THE DISTRICT. I MAKE THE INTERPRETATION FROM THE GEOGRAPHICITY AND THE SUBJECTIVITY PRESENT IN THE WRITTEN PRODUCTION IN QUESTION, ENTERING INTO THE PERSONAL GEOGRAPHY OF THE SUBJECT. THE NUCLEUS OF THAT GEOGRAPHICITY IS INTERPRETED BY CONCEPTS OF LIVING, JUDGMENT AND TRANSFORMATION OF GADAMER'S HERMENEUTICS.

KEYWORDS: PERSONAL GEOGRAPHY, GEOGRAPHICITY, HERMENEUTICS, YOUTH, PLACE, LIVED WORD, HIP HOP MOVEMENT, TEXTUAL PRODUCTION, SUBJECTIVITY, TERRITORY.